Energia para nutrir e mover a vida (G4-2)

Os ganhos socioeconômicos e ambientais trazidos pela produção e pela oferta de alimentos e energia limpa, na forma de biocombustíveis, constituem externalidades positivas da cadeia de valor da cana-de-açúcar.

Habitam hoje a Terra cerca de 7,5 bilhões de seres humanos, que não apenas aspiram satisfazer necessidades básicas, como alimentação e abrigo, mas desejam oferecer aos seus descendentes a perspectiva de melhores condições de vida. Suprir essas demandas implica um aumento progressivo do consumo de comida e de energia e, por consequência, crescente pressão sobre os recursos naturais – recursos estes que, temos plena consciência agora, estão longe de ser inesgotáveis.

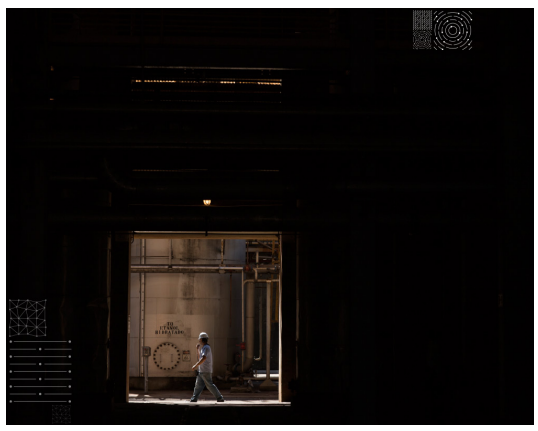
A Copersucar acredita que as indústrias baseadas em recursos renováveis, como a nossa, ancorada no cultivo da cana-de-açúcar, têm um papel fundamental a desempenhar na construção de um futuro em que essas necessidades possam ser atendidas de maneira sustentável, sem ameaçar o equilíbrio da natureza nem pôr em risco a sobrevivência da espécie. Esse equilíbrio está severamente ameaçado pelo descaso com a boa governança do planeta. Estimativas da Organização das Nações Unidas (ONU) apresentadas na Conferência do Clima de Paris (COP21) indicam que o aquecimento global pode provocar o desaparecimento de 17% das espécies de animais e plantas se forem mantidos os ritmos atuais de elevação da temperatura média; além disso, 50 milhões de pessoas correrão o risco de enfrentar enchentes e falta de água.

Se quisermos evitar esse quadro inquietante, teremos de cortar 70% das emissões atuais de gases de efeito estufa oriundos da queima de combustíveis fósseis até 2050, e 100% até 2100. Como medida para limitar o aquecimento global a menos de 2 ºC acima dos níveis pré-industriais, precisamos – entre outras ações incontornáveis – elevar dos 3% atuais para 10% o consumo de combustíveis de baixo carbono na indústria global dos transportes até 2030.

Movimentos recentes da política e da economia tornam mais distante esse objetivo. É o caso da baixa sustentada dos preços do petróleo, que estimula o uso e a exploração de combustíveis fósseis pelas grandes economias, ao mesmo tempo que desincentiva o investimento nas energias provenientes de fontes limpas e renováveis. A busca de resultados econômicos imediatos anuvia a necessária visão de futuro; o ganho de curto prazo sabota a construção das alternativas de longo prazo.

Mais do que nunca, se quisermos de fato contribuir para sustentar a vida no planeta, necessitamos pesquisar e investir para tornar viáveis os cenários em que as chamadas energias alternativas deixem essa condição marginal e ocupem o *mainstream* da economia.

O etanol da cana-de-açúcar é uma das respostas a esse desafio. Uma resposta pronta, competitiva, disponível e efetiva, já utilizada cotidianamente por dezenas de milhões de consumidores em uma das dez maiores economias do mundo. Os derivados da cana já são parte do *mainstream* do negócio de combustíveis no Brasil há mais de quatro décadas e caminham para se tornar insumos importantes nas indústrias química e de materiais.



Estamos conscientes de que a indústria dos biocombustíveis, e a da cana-de-açúcar inclusive, tem diante de si importantes desafios de sustentabilidade. A pegada de carbono do transporte e da distribuição dos nossos produtos deve ser reduzida tanto quanto possível, com a progressiva utilização de ferrovias e dutos, por exemplo. Da mesma forma, os impactos ambientais e sociais do cultivo da cana precisam ser gradativamente mitigados, por meio de mudanças tecnológicas e operacionais e de processos transparentes de negociação de metas sociais e repartição dos custos econômicos.

Do lado do alimento – em nosso portfólio, o açúcar em suas diversas formas –, observamos que a globalização acelerada abre, igualmente, oportunidades únicas. À medida que países e continentes inteiros se industrializam, elevam os níveis médios de renda de seus cidadãos e passam a concentrar nas cidades a maior parte da população, também crescem a necessidade e a demanda por açúcar, alimento energético por excelência. Testemunhamos esse processo em pleno desenvolvimento na Ásia e em seus passos iniciais na África.

Essa dinâmica histórica faz com que a demanda global por açúcar mantenha um crescimento regular e sustentado de cerca de 2% ao ano. De outra parte, impõe seus próprios desafios, entre eles os padrões de consumo exagerado eventualmente verificados em populações de países desenvolvidos e mesmo nos bolsões mais afluentes das nações emergentes, nos quais diversas gerações já se habituaram a um estilo de vida urbana que desestimula os cuidados com a saúde. Nesses casos, é importante e necessário promover a discussão aberta e transparente da questão e respaldar iniciativas de educação para o consumo consciente de alimentos, neles incluído o açúcar.

Alimentos e energia limpa de fontes renováveis e sustentáveis estão, portanto, entre os elementos fundamentais para viabilizar melhores condições de vida no planeta. Assegurar que estejam disponíveis posiciona a nossa indústria favoravelmente, em uma visão de longo prazo; abertura, transparência e diversidade são condições essenciais para que possamos reconhecer e incentivar as

melhores soluções. Múltiplas formas de produzir energia limpa deverão coexistir, adaptadas às peculiaridades dos distintos ecossistemas e aos imperativos das condições geoeconômicas de cada país. Os biocombustíveis deverão conviver com outras fontes renováveis, algumas já bastante desenvolvidas. A consciência dessa pluralidade nos impõe o dever de buscar novas alternativas tecnológicas para a produção de energia, entre elas a do etanol de segunda geração, para o qual o bagaço de cana-de-açúcar é matéria-prima abundante e acessível. Ao mesmo tempo, não devemos, nas decisões políticas do presente e nos embates sobre o futuro, menosprezar uma fonte real e concreta plenamente disponível desde já, como é o etanol de cana-de-açúcar de primeira geração. A partir dos ganhos incrementais de produtividade agrícola que estão em desenvolvimento, essa fonte tende a se tornar ainda mais competitiva e acessível.

Essa constatação nos leva a um dos pontos ressaltados em carta aberta firmada por 70 CEOs de companhias com atividades em mais de 150 países e territórios (a Copersucar entre elas), nos encontros preparatórios para a COP21, realizada no final de 2015. Políticas efetivas para controlar o aquecimento global – afirmam eles – precisam contemplar uma "precificação" implícita ou explícita das emissões de carbono, por meio de mecanismos de mercado ou por medidas legislativas coerentes, segundo a preferência de cada país.

Dessa forma, serão incentivados os investimentos em tecnologias e processos de baixo carbono necessários para transformar de maneira significativa os atuais padrões de emissão de gases de efeito estufa. Trata-se de um alerta a ser notado e levado em conta por legisladores e governos de todo o mundo. Os ganhos socioeconômicos e ambientais trazidos pela produção e pela oferta de alimentos e energia limpa, na forma de biocombustíveis, constituem externalidades positivas da cadeia de valor da cana-de-açúcar. No longo prazo, representam certamente um dos caminhos a ser trilhados para garantir uma vida melhor para nossos descendentes e a própria perenidade da espécie sobre a Terra.

Retornar

© 2016 Copersucar

Copersucar S.A.
Avenida Paulista, 287 - 1º, 2º e 3º andares
01311-000 - São Paulo - SP - Brasil
Telefone +55 11 2618-8166 - Fax +55 11 2618-8355